



***“Ensino de História Política” e “Ensino de História e Direitos Humanos”***

***Profa. Dra. Mariana Moreira Neto & Profa. Ma. Eliana de Souza Rolim***

**UTOPIA E DISTOPIA EM A NOVA UTOPIA**

*Adriana Alves de Abreu*  
UFCCG- Campos Cajazeiras  
[adrianinhasjp@hotmail.com](mailto:adrianinhasjp@hotmail.com)

**RESUMO**

Esse trabalho tem como objetivo analisar aspectos do conto “A nova utopia” (1891) do escritor inglês Jerome K. Jerome (1859-1927), de acordo com a perspectiva da utopia e distopia literária, tendo como suporte teórico os autores Silva (2008), Funck (1993), entre outros. A obra em análise tem como tema principal as críticas sociais em relação ao poder totalitário. Essa narrativa é uma das mais antigas do século XIX e que deu origem a distopia. Sua história foi escrita com base nos manifestos socialistas ocorridos na época. Um conto bastante conhecido por fazer uma sátira que retrata os absurdos da vida, na qual o autor defende os direitos de liberdade do ser humano e o seu inconformismo com o socialismo. Diante do exposto, este trabalho analisa aspectos teóricos e sociais, já que estavam vivenciando um período de revolução industrial.

**Palavras-chave:** Literatura; Sociedade; Utopia e Distopia.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo analisar de forma crítica o conto “A nova utopia” escrito em 1891, pelo o autor inglês Jerome K. Jerome (1859-1927), na

perspectiva da utopia e distopia literária do século XIX e XX, período em que o país vivenciou um momento de exaltação tecnológica promovida pela Revolução Industrial.

Durante as transformações sociopolíticas dos séculos XIX e XX, surgiram dois grandes grupos de pensadores que estimularam o comportamento da sociedade: o liberalismo e o socialismo. Eles defendiam as ideias sociais voltadas a partir da realidade. Logo, surgiram várias teorias que buscavam a igualdade real e não apenas o ideal, ou seja, onde todas as pessoas teriam os mesmos direitos e deveres constituídos legalmente perante a lei. Para tanto, em 1864, foi fundada em Londres a Associação Internacional dos Trabalhadores, que visava à luta para emancipação do proletariado, onde vários grupos de operários se uniram para reivindicar os seus direitos. Para representar a classe trabalhadora tiveram como inspiração o filósofo Karl Marx, que se tornou o porta voz desse grupo.

Neste final do século XIX, a população europeia continuou vivenciando um cenário de desigualdade social, mesmo durante todas as mudanças e avanços científicos ocorridos naquela época. Diante disso, vários teóricos elaboraram propostas e teses idealizando uma sociedade igualitária e mais justa onde todos pudessem ter os mesmos direitos. Entre esses pensadores que discutiram propostas para superar os problemas sociais, destacaram-se: Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772 -1837) e Robert Owen (1771- 1858). Eles foram chamados de Socialistas utópicos, pois suas ideias estavam inseridas somente no campo do imaginário e dificilmente poderiam ser concretizadas na realidade das pessoas.

Diante desse cenário em busca pelo utópico o autor Jerome, na sua obra “A nova utopia” narra a história de um homem que se reúne com um grupo de amigos no Clube Nacional Socialista. Após um jantar requintado, fumaram excelentes charutos e conversaram sobre a vida, criticando o tempo presente e idealizando o futuro. Os seus amigos, de maior conhecimento, discutiam o quanto o mundo seria melhor se houvesse igualdade absoluta entre todas as pessoas. O personagem ficou fascinado pelo assunto abordado, mas não teve grande participação na conversa já que desde pequeno teve que trabalhar, portanto, não teve oportunidade de estudar essas questões. Depois desta noite ele vai para casa, mas não consegue dormir de imediato, pois aquelas ideias o perturbam. Horas depois, ele cai esgotado na cama, e leva um susto ao acordar mil anos no futuro, dentro de uma redoma de vidro em um museu. Ele descobre que o deixaram exposto todo esse tempo, apenas para verem até quando ele ficaria dormindo.

Contudo, é importante considerar que a obra em estudo narra o sonho do personagem diante de uma sociedade socialista. Assim, durante a exposição desse artigo mostraremos algumas teorias sobre a utopia e distopia na literatura no decorrer da história, a vida distópica do escritor inglês Jerome K. Jerome e a análise crítica do conto “A nova utopia”.

## **UTOPIAS E DISTOPIAS LITERÁRIAS**

*A utopia* inicialmente foi escrita em 1516, pelo escritor Thomas More, ainda no reinado de Henrique VIII da Inglaterra. Mais o que é a utopia? É uma palavra grega que possui dois significados distintos: “bom lugar” ou “lugar nenhum”, sendo escrita propositalmente de forma ambígua pelo escritor More. A utopia é um comentário social, com o intuito de confrontar a Inglaterra dos Tudor sob Henrique VIII com a sociedade dos utopistas.

Porém, acredita-se que a utopia pode não ter o significado de descrever uma sociedade ideal. No entanto, ao longo dos anos, a palavra “utopia” sem a letra maiúscula passou a significar “uma sociedade perfeita” com uma conotação adicional, sugerindo que tal sociedade é irrealizável. No seu livro Silva (2008, p.304), trata sobre como as sociedades utópicas são descritas por diversos autores, mostrando “lugares distantes, em terras desconhecidas e de difícil acesso: no alto das montanhas ou no fundo do mar como Atlântida. [...] o clima agradável, água e comida abundantes [...]”. Estas são características importantes para definir o ambiente utópico, pois a mesma era vista apenas como uma ficção imaginativa.

A utopia passou por grandes mudanças para chegar ao conceito que usamos atualmente, principalmente durante a revolução industrial ocorrida no século XIX, onde sofreu algumas alterações nos seus aspectos. Desta forma ela contou com a ajuda de sociólogos e filósofos, para mostrar que “[...] as concepções utópicas são indispensáveis para a política e para o progresso de uma sociedade”. (SILVA, 2008, p.302).

Assim, o nome utópico refere-se aos esforços humanos para criar uma sociedade hipoteticamente perfeita, onde não se precisa de muito para ter uma boa vida, na qual as pessoas só trabalham porque gostam e que beneficiam o bem comum. Ou seja, “O socialismo utópico não é apenas uma objeção à especulação sobre o futuro, mas uma diferença de ponto de vista sobre o processo de transformação”. (SILVA, 2008, p.306).

O autor ainda ressalta que “A função da utopia está diretamente relacionada com os estudos utópicos contemporâneos que destacam o seu caráter interdisciplinar.” (SILVA, 2008, p.308). Na qual a utopia pode ser estudada e analisada em diversas disciplinas como: História, Política, Religião, Literatura entre outros. Desta forma, destacamos as principais obras utópicas e escritores que buscaram descrever uma sociedade perfeita e igualitária como *A utopia* (1516), de Thomas More; *Cidade do sol* (1602), de Tommaso Campanella, *Nova Atlantis* (1627), de Francis Bacon; *O novo mundo industrial e societário* (1829), de Charles Fourier; *Olhando para trás* (1888), de Edward Bellamy; *Notícias de parte alguma* (1891), de William Morris. *A Utopia Moderna* (1905), de H. G. Wells; e *A Ilha* (1962), de Aldous Huxley.

Segundo Thomas More (2001, p. 118), no seu livro “A utopia” ele mostra de forma resumida que a mesma “constitui expressão do desejo de reforma de toda a vida social, política e religiosa dos europeus do século XVI, época de profunda renovação.” Sendo que, após More escrever o seu livro “A utopia” e ficar muito conhecido pela sua forma de retratar a sociedade daquela época, acabou gerando grande influência para os demais escritores da atualidade, onde muitos se basearam na sua obra para descrever uma sociedade perfeita na concepção de todos, fatores esses que podem ser observados nas obras *A cidade do sol* (1602), de Tommaso Campanella e *A Nova Atlântida* (162), de Francis Bacon.

Através da sua obra, “o autor se permitia criticar os regimes políticos existentes, sem correr perigo de censura” (MORE, 2001, p. 119). Ou seja, ele descrevia de forma metafórica uma sociedade perfeita, sem corrupção e com leis mais justas na qual mantinha a sociedade igualitária, mas que na realidade ocorria tudo ao contrário. Essa foi à melhor forma que os escritores acharam para expressarem a sua indignação com o que estava acontecendo na Europa naquele século, dando a oportunidade dos leitores refletirem sobre os seus governantes e a forma de governo que estava predominando naquele país.

More (2001, p. 121) ainda ressalta que a “Utopia é toda proposta ideal de organização da sociedade em que, por meio de novas condições econômicas, políticas e sociais se pretende alcançar um estado de satisfação geral”. Sendo que a utopia é considerada o complemento para se alcançar um futuro desejado, a partir de um período que já tenha acontecido há muito tempo atrás, mas que tenha sido bom para a sociedade.

Mesmo, após tantas revoluções e avanços tecnológicos a mulher ainda tinha uma posição inferior ao homem principalmente na escrita de utopias. Porém, as

mulheres sempre lutaram para ter o reconhecimento da sociedade em que vivem. Desta forma a autora Funck (1993, p.35) em sua obra intitulada *Feminismo e utopia* mostra que:

A utopia literária tem, como efeito, uma longa história de resistência política, atestada por sua grande popularidade na literatura norte-americana das décadas de 1880 e 1890. Seu uso por socialistas e feministas é bastante significativo. [...] A ficção utópica feminista deve proporcionar uma revisão radical dos textos conservadores, uma revisão que avalie criticamente o significado ideológico das conversações textuais e da ficção enquanto prática discursiva.

Ou seja, a presença feminista na utopia não é apenas pra ser invertido os papeis entre personagens masculinos e femininos, mais sim, para mostra que a mulher também pode ter a liberdade de escrever. Portanto, para diferenciar das demais utopias as mulheres escrevem apenas fatos que podem transforma a sociedade de forma real, não apenas mudança imaginaria como as utopias escritas pelos demais autores.

A utopia feminista é representada por grandes autoras que publicaram trabalhos significativos para a literatura feministas. Em suas obras, elas mostram a libertação da mulher perante a sociedade, já que as mesmas eram vistas apenas como donas de casas. Sendo que, as mulheres das utopias feministas “[...] lutam acima de tudo por reconhecimento e ascensão dentro da sociedade patriarcal em que vivem” (SILVA, 2008, p. 319). Buscando o espaço para expressar as suas ideias e opiniões a respeito de tudo que os utopistas escreviam. Dentre as narrativas mais conhecidas estão *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman; *Woman on the Edge of time* (1976), de Marge Piercy; *Writing Beyond the Ending* (1985), de Rachel Blau DuPlessis; e *Feminist Fiction* (1990), de Anne Cranny-Francis.

Entretanto, durante o século XX alguns escritores começaram a escrever obras que eram contra o pensamento utópico, ou seja, eles achavam que a utopia já estava ultrapassada. Desta forma, as obras escritas por esse novo grupo de escritores passaram a ser chamadas de distopia literária, na qual eles ditavam que o mundo no futuro não seria do jeito que os utopistas idealizavam, mas sim, um mundo de absoluta desesperança e sem harmonia. Dentre os principais escritores destacam-se Jonathan Swift, com a obra *Viagens de Gulliver* (1726) e Samuel Butler que escreveu a obra *Erewhon* (1872, anagrama de nowhere, “em parte alguma”); e H. G. Wells com a obra *A maquina do tempo* (1895). Já na atualidade, temos *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley; *1984* (1949), de George Orwell; *Senhor das moscas* (1954) de William Golding; *Planeta dos macacos* (1963) de Pierre Boulle, entre outras obras.

Mas, o que é a distopia? A distopia tem a função de alertar os leitores sobre os possíveis resultados do nosso mundo atual, mostrando a desigualdade da sociedade em que vivemos geralmente localizados em um futuro negativamente deformado do nosso mundo. Ela pode ser um lugar ou estado imaginário no qual a condição da vida é extremamente ruim, como a privação, a opressão ou o terror. Ou seja, “só é possível entender a distopia a partir de seu antecessor: a utopia [...]”. (SILVA, 2008, p. 311)

Segundo Silva (2008, p. 320) “tanto a utopia quanto a distopia têm a função de crítica social através da literatura”. Elas podem servir como um conto preventivo ou aviso para a sociedade moderna, revelando para as pessoas o que pode acontecer com elas se não tomarem as decisões certas, como eleger um governo controlador e opressivo ou não ter nenhum governo para ditar as leis do lugar onde elas vivem ou até mesmo todos serem extremamente pobres ou ter uma enorme diferença de renda entre os personagens mais ricos e os mais pobres, o que é comum na nossa sociedade atual.

As principais características da distopia são marcadas pela falta de liberdade, já que as pessoas não tem um pensamento independente. Os cidadãos parecem estar constantemente sendo vigiados como se estivessem em um reality show. Eles acabam tendo medo do mundo exterior, fazendo com que os mesmos não tenham voz nem vez diante da sociedade. Os cidadãos estão em conformidade com expectativas uniformes. Tanto a individualidade e a discordância são elementos ruins, onde é considerado terem os mesmos direitos. Por fim, a sociedade é vista como uma ilusão de um mundo utópico perfeito. Desta forma, Silva (2008, p. 315-316) explica que:

[...] Narrativas utópicas e distópicas apresentam uma crítica social, ora representando um desejo de alcançar um estado ideal ora exagerando os aspectos reais da sociedade vigente. A distopia assim como sua antecessora, a utopia, demonstra a vitalidade e a versatilidade na forma de um gênero literário não apenas como veículo das ideias políticas e sociais, mas sim, como uma expressão literária de verdadeira força.

Com isso, podemos observar que as obras abordam temas sobre religião, literatura, história, cultura, tecnologia, entre outras. Sendo que esses textos definem bem o que é a distopia, tanto pelo engajamento em assuntos políticos e sociais do mundo real quanto pelas críticas às sociedades que eles focalizam.

## **A VIDA DISTÓPICA DO ESCRITOR INGLÊS JEROME K. JEROME**

O escritor inglês Jerome Klapka Jerome (1859-1927), nascido em uma família rica na Inglaterra, teve uma vida pobre após o seu pai ter a mina alagada e entrando em um estado de falência, já que o sustento da sua família provinha desse trabalho, logo em seguida o seu pai veio a falecer, sendo um fator crítico na sua obra, principalmente na sua autobiografia *My life and times* (1926), na qual ele fala sobre as visitas constantes dos cobradores de dívidas a sua residência.

Em 1877, Jerome começou a sua carreira como ator em uma trupe de atores, porém não tiveram sucesso. Mesmo assim, ele não desistiu de ter uma carreira profissional e tentou se tornar um jornalista, escrevendo ensaios, sátiras e contos, embora a maioria deles tenha sido rejeitada. Anos mais tarde, começou a trabalhar como professor, empacotador e funcionário de advogado. Só então em 1885, ele começou a ter o reconhecimento do público após escrever *On the stage and off* (No palco e fora dele) e *The brief career of a would be actor* (A breve carreira de um aspirante a ator), publicados no mesmo ano em 1885 no qual tiveram uma razoável aceitação pelo público. Os dois livros tratam de memórias cômicas de suas experiências com a trupe de atores. Com a publicação do seu terceiro livro *Idle thoughts of an idle fellow* (Pensamentos ociosos de um sujeito ocioso- 1886), o autor teve uma repercussão maior, pois era uma coleção de ensaios humorísticos.

Jerome se casou em 1888, com Georgina Elizabeth Henrietta Stanley Marris (“Ettie”) e o casal passou a lua-de-mel no rio Tâmisa em um barco, fator esse que influenciou na sua carreira, se tornando a obra mais importante e dando a ele o título de um dos grandes autores mais publicados no mundo, com *Three men in a boat* (Três Homens em um Barco-1889). Em 1891 ele escreveu o conto “The new utopia” (A nova utopia), que é considerada o berço do gênero da literatura na qual utiliza as distopias como visão.

Em 1902, ele publicou o romance *Paul Kever*, que é amplamente autobiográfico, alguns anos depois escreveu a peça *A paisagem do terceiro andar* (1908), na qual era mais sombria e religiosa. A peça fez tanto sucesso que foi duas vezes transformada em filme, em 1918 e 1935.

No dia 14 de junho de 1927 Jerome sofreu um derrame cerebral e uma hemorragia cerebral o que resultou na sua morte. Ele estava internado no Hospital Northampton General, durante duas semanas. O seu corpo foi cremado em Golders Green e suas cinzas enterradas na igreja de St Mary, Ewelme, Oxfordshire. Na sua lápide está escrito a seguinte frase "Porque nós somos cooperadores de Deus". No ano

de 1984 foi inaugurado um pequeno museu dedicado à sua vida e obra, o mesmo foi organizado na casa onde Jerome nasceu em Walsall, porém em 2008 foi fechada, e os conteúdos foram devolvidos para Walsall Museum.

## **ANÁLISE CRÍTICA DO CONTO A NOVA UTOPIA**

O autor começa o conto “A nova utopia” (1891), em *medias res*, fazendo uma humorada crítica aos “avançados” socialistas que, enquanto pregam a igualdade e divisões da riqueza, se deliciam com as melhores comidas e bebidas. Com isso, no segundo parágrafo Jerome (2013, p. 135), expressa está sendo completamente irônico ao se referir aos charutos: “- Depois do jantar, fumando charutos (e devo dizer que eles sabem como estocar bons charutos no Clube Nacional Socialista) [...]”. Ou seja, ele mostra um pouco da cultura dos ricos devido a tanta fartura. Nesse instante o narrador só observa a conversa, pois o mesmo não está ainda muito familiarizado com a argumentação socialista, sendo ingênuo ao aceitar integralmente o que foi discutido durante todo o jantar. Ele também considera que o mundo deveria ser reconstruído segundo essa ótica da igualdade e estatização dos meios de produção.

O personagem mostra não ter propriedade para argumentar sobre o assunto que está sendo debatido entre os amigos, já que ele não teve a oportunidade de estudar quando era mais novo, por que desde cedo teve que trabalhar para se sustentar. Como ele cita: “- Eu mesmo não consegui participar muito do assunto, pois, tendo sido deixado em uma situação em que precisei ganhar o meu próprio sustento quando ainda era criança, nunca tive tempo ou oportunidade para estudar essas questões.” (JEROME, 2013, P.135).

No decorrer da história o narrador se torna um viajante, exibindo a sua ingenuidade ao não falar coisas óbvias, já que durante todo o conto ele usa da sua ironia, para representar as ideias socialistas, tentando entender o que realmente acontece na vida da sociedade. Apesar de terem a liberdade de pensar e tomar as suas próprias decisões acabaram se tornando “zumbis” por não terem o direito de viver da forma que quiserem.

A citação a seguir mostra um exemplo de alienação, onde o narrador concorda com as ideias socialistas dos amigos, sendo uma alienação intelectual, pois ele aceitou as ideias sem saber o que realmente significava.

- Quão prazerosa seria a vida, se apenas o plano de meus amigos socialistas pudesse ser levado adiante. Não haveria mais dessa luta, desse confronto de



uns com os outros, não haveria mais ciúmes, desapontamento, não haveria mais o medo da pobreza! (JEROME, 2013, P.136)

Podemos perceber que não é o capitalismo que gera a pobreza, mas sim sua falta de organização, pois eles tentam manipular a sociedade com seus padrões de assemelhar as pessoas, como se todos fossem únicos, assim elas ficam a mercê do descaso sem um destino e sem uma liberdade de opinião. Essa manutenção de desigualdade vem difundir de que as classes mais pobres não têm seus direitos. Onde os mesmo não querem que os pobres saiam dessa condição de pobre excludente, mas que apenas reproduza sem questionar.

O conto possui um vazio em não explicar o motivo de o protagonista passar mil anos em uma caixa de vidro – a personagem simplesmente dormiu demais, por culpa da senhoria que se esqueceu de acordá-lo, e despertou revigorado, porque pôde “pôr o sono em dia”. A seguir Jerome (2013, p.137), destaca que tanto o narrador quanto o seu maldisposto guia parecem se mostrar conscientes de participarem de uma utopia:

— Imagino que você fará o de praxe. [...] Você vai querer que eu ande pela cidade com você, explicando tudo o que mudou, enquanto você fica perguntando e fazendo uns comentários idiotas.

— Sim. [...] Imagino que é isso o que eu deva fazer.

— Imagino que sim. [...] Venha, vamos acabar logo com isso.

O autor usa o termo “de praxe” um dos padrões narrativos dos textos utópicos, onde os personagens de determinado local explica para o recém-chegado o funcionamento daquele mundo. Em nenhum outro gênero literário – a não ser nos dele derivados, como a ficção científica – encontramos esse “de praxe”.

Todos os personagens tinham a mesma aparência, usavam as roupas do mesmo jeito e não tinham nomes, sendo todos representados por números, até mesmo o sexo de cada personagem. Fato que nos lembra dos campos de concentração, onde todas as pessoas usavam os números para serem identificados. Desta forma, os números significam obliteração do eu (eliminação do eu) para que ninguém se destaque, pois todos são iguais. Aonde não irão se revoltar, não terão opinião própria, será apenas o social, pois não haveria conflito entre eles. Isso tudo acontece devido à instigação da subjetividade, já que isso tudo é tirado do ser humano fazendo com que o sujeito não pense, não reflita para os mesmos não se rebelar contra os padrões exigidos pela sociedade utópica, pois pensar é muito perigoso.

Jerome usou o termo “MAIORIA” como um símbolo em que representava o poder, pois era a classe dominante. A maioria é uma palavra estratégica para as pessoas

se sentirem importantes, ou seja, cada vez mais alienadas pelas leis da sociedade socialista. Eles são contraditórios, demagogia é a palavra chave que os define, pois moram na cidade por que é injusto alguns morar no campo e outros na cidade, já que o campo é um lugar lindo e que faz as pessoas refletirem sobre a obliteração do eu, ou seja, um lugar de descanso e reflexão.

Portanto, concluímos que o autor usou da escrita distópica para descrever o que estava acontecendo naquela época, pois o ideal era que toda sociedade tivessem os mesmos direitos, porém ocorria totalmente o contrário, já que o poder estava centralizado nas mãos do estado, onde a minoria não tinha direito a nada. Sendo que o personagem ao acordar pela sua senhoria, percebeu que tudo não passou de um sonho, ou melhor, um pesadelo já que ele sonhou ter ficado mil anos dormindo dentro de uma caixa e que vivia em uma sociedade perfeita. Mas, ao acordar se deparou com um guia que lhe contou tudo o que tinha mudado durante todos aqueles anos que ele havia dormindo, mostrando as pessoas alienadas e dominadas pelo estado.

## **CONCLUSÃO**

O conto “A nova utopia” é uma paródia da utopia, na qual o autor criou uma distopia. Jerome usou bastante humor e ironia para retratar essa Nova Utopia, mostrando que na verdade os ideais socialistas podem levar não só ao fim da liberdade, como a eliminação de tudo que existe de bom no ser humano, como a ambição, a criatividade e a alegria de viver. O personagem no fim de sua viagem ao futuro compara os homens desse futuro socialista à cavalos ou gado, mostrando que o principal objetivo dessa Nova Utopia é eliminar a alma humana.

Durante a estória, o autor destaca propostas que estão relacionadas ao que a utopia se contrapõe, ou seja, o que é visto como problemático na sociedade por seus idealizadores. Destacando as motivações para combater o comportamento negativo das pessoas perante a sociedade como a hostilidade, violência e ambição. Mostrando a desigualdade social em relação à pobreza e a riqueza, pois em quanto uns tem demais outros não tem nem o que comer, tendo que se sacrificar para conseguir sustentar a sua família trabalhando em longas jornadas de trabalho.

Por outro lado, o autor mostra que algumas motivações mais relacionadas às distopias elitistas e, portanto, polêmicas. Este é notadamente o caso das propostas de

manipulações genéticas em busca de seres humanos próximos à perfeição. Isso mostra que o debate da utopia, como tantos outros, não está isento de ideologia, que, ao invés de resolver, reforçará as desigualdades humanas e sociais, além de alimentarem a intolerância e o preconceito.

Assim, concluímos que o conto possui três características importantes: o sono profundo do personagem; a investigação em quanto ele dormia e a alienação da sociedade. Eles foram elementos principais para a estória passar do contexto utópico para o diatópico. No decorrer da narrativa o narrador tornou-se um viajante do futuro através do seu sonho, sendo um personagem subversivo, pois em nenhum momento se questiona, mas faz várias perguntas mostrando ser ingênuo em quando faz as perguntas ao guia. Onde Jerome demonstra está obviamente indisposto com as leis do socialismo, sendo bastante direto ao denominar e questionar a ideologia. Portanto ele associa consequências negativas ao socialismo e faz uma sátira sobre o que poderia acarretar quando todo o poder está centralizado nas mãos do Estado.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo:** antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2017.

BECKER, Caroline Valada. A distopia, o totalitarismo e o romance Um piano para cavalos altos, de Sandro William Junqueira. In: **Estudos Linguísticos e literários**. N. 53, jan-jul, 2016. Salvador: p. 132-162.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. In: **MORUS-** Utopia e Renascimento 2, 2005, p. 4-10.

BENSTOCK, Shari. **Feminist issues in literary scholarship**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental:** os livros e a escola do tempo. Trad. De Marcos Santa Rita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad. de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: objetiva, 2001.

BONNICCI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2005.

BOTTOMORE, Tom (ed). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BUZELLI, José Leonardo Sousa. A nova utopia, de Jerome K. Jerome. **Revista MORUS: Utopia e Renascimento**, 2013. Disponível em <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/viewFile/205/183> Acessado em julho de 2018.

CAVALCANTI, Ildney. You've been framed: o corpo da mulher nas distopias feministas. In: MONTEIRO, Maria Conceição & LIMA, Tereza Marques de Oliveira (eds). **Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2006.

CUDDON, J. A. **The Penguin dictionary of literary terms and literary theory**. 4<sup>a</sup> edition. New York: Penguin Books, 1996.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. New York: Dover Publications, Inc, 1998.

EVANS, Ifor. **A short history of English literature**. Harmondsworth: Penguin, 1985.

GINDIN, James. **New Accents and attitudes: postwar British fiction**. Los Angeles: University of California Press, 1963. LEGOUIS, Émile. **A short history of English Literature**. New York: Oxford University Press, 1961.

MORE, Thomas. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: from Charlotte Bronte to Doris Lessing**. London: Virago, 2009.

**ABRAM AS PORTAS DA ESCOLA! ANARQUISMOS PARA A  
RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA ATRAVÉS  
DE DISCIPLINAS ELETIVAS**

*Cicero Weverton Nascimento da Silva*